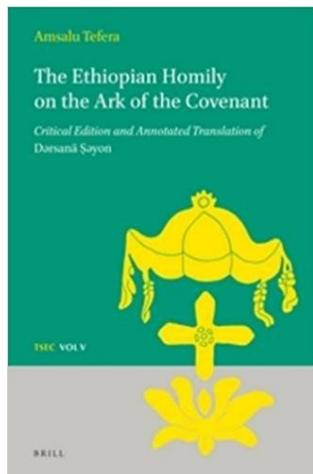


RESENHAS

DOI: <http://dx.doi.org/10.4025/rbhranpuh.v10i29.37388>

TEFERA, Amsalu (organização, tradução, introdução e notas). *The Ethiopian Homily on the Ark of the Covenant: Critical Edition and Annotated Translation of Dərsanä Şəyon*. Leiden: Brill, 2015. Coleção “Texts and Studies in Eastern Christianity”, n. 5. 304 p. ISBN 9789004282339

Recebido em 26/02/2015 - Aprovado em 07/03/2015



Outra África, outra Cristandade, outro Israel

Alfredo Bronzato da Costa Cruz¹

Com a promulgação da Lei n. 10639/2002 e das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, foi estabelecido no Brasil um marco jurídico, político e pedagógico do reconhecimento e valorização das influências africanas na formação da sociedade e cultura brasileiras. Mais ou menos neste mesmo momento foram criadas ainda outras formas de enfrentamento e eliminação do racismo e da discriminação nos contextos educacional e social brasileiro, como a política de cotas nas universidades públicas – estabelecida pela primeira vez na Universidade de Brasília no ano de 2004. Tais dispositivos vêm sendo aprimorados paulatinamente e seus resultados, quase quinze anos depois do início de sua implementação, são muito notáveis. Tratam-se de conquistas que enriqueceram sobremaneira o campo acadêmico brasileiro, franqueando seu acesso a novas pessoas e ideias, o que permite sua democratização. No campo específico da historiografia, um dos

¹ Doutorando em História (PPGH/UERJ, 2015 -); Mestre em História (PPGH/UNIRIO, 2011-2013); Bacharel e Licenciado em História (PUC-Rio, 2005-2009). Bolsista Capes (2015 -). Bolsista Nota 10/FAPERJ (2017 -). Membro do Núcleo de Estudos de Cristianismos no Oriente (NECO, GT-HR/ANPUH-RIO) e do Núcleo de Pesquisa Histórica do Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos (NPH/IPN). Orientador: Prof. Dr. Edgard Leite Ferreira Neto. E-mail: bccruz.alfredo@gmail.com.

efeitos destas importantes inovações jurídicas e políticas foi a valiosa ampliação cá entre nós dos estudos da história da África e da diáspora africana.

O estudo da história da África, contudo, é uma área não recente em nossas universidades, não obstante tenha estado por muito tempo subsumido no interior dos chamados estudos brasileiros. Com exceções notáveis, até as primeiras décadas do século XXI o Brasil não havia produzido genuínos africanistas, interessados no continente *per se*, mas investigadores, eventualmente de muito mérito, interessados na África por nós herdada, reproduzida e imaginada, nas conexões transatlânticas operadas dentro do ecúmeno lusófono ou, mais raramente, no Brasil que se fez e se faz presente entre os africanos. A ampliação dos estudos de história da África a qual fiz referência efetivamente adicionou novos agentes e interesses ao quadro antes estabelecido, mas tenho a impressão de não tê-lo alterado de forma realmente significativa. Com a exceção dos estudos sobre a África pós-colonial, que são uma novidade realmente interessante, diretamente proporcional ao avanço das aproximações geopolíticas e econômicas entre governos, empresas e instituições brasileiras e africanas, parece-me que a história da África feita no Brasil ainda é em larga medida a história de apenas certa parte do continente: aquela envolvida pela aventura colonial lusa e diretamente vinculada à diáspora negra na América. Os estudos que privilegiam a África antiga e medieval, as conexões dos diversos povos do continente entre si e com os mundos índico e mediterrânico, salvo engano, são bem menos comuns, raros até. O privilégio do estudo das sociedades tribais e das culturas orais sobre as sociedades imperiais e as culturas escritas vincula-se de modo direto a esta conjuntura; daí o fato de os estudos linguísticos de iorubá felizmente se realizarem – ainda que em proporção menor do que seria desejado –, ao passo que os estudos de amárico ou de copta são virtualmente inexistentes. Uma exceção muito louvável a este quadro é o excelente trabalho de divulgação científica realizado por Nei Lopes (n.1942), por exemplo, com seu *Dicionário da Antiguidade Africana* (2011). Uma das epígrafes deste volume é a seguinte frase do historiador francês Raymond Mauny (1912-1994): “Não se trata de fabricar, para a África, um passado que ela não tem, e, sim, de pesquisar o passado que ela na realidade teve, qualquer que seja ele.” Pois essa frase é excelente para pensarmos no quanto ainda falta fazermos em nossas investigações.

Ora, estou certo de que o teste de maturidade dos estudos africanos no Brasil será a possibilidade (ou não) de cá se desenvolverem estudos de história da África que *não* conduzam de forma necessária à escravidão, às plantações de cana-de-açúcar ou de café, às minas de ouro, às violências e às rebeliões, a Salvador e ao Cais do Valongo, a tudo o que é presença africana diretamente pertinente na história brasileira ou luso-brasileira. Encaramos com relativa normalidade que um estudante de graduação em História disponha-se a estudar determinada questão referente ao passado greco-latino, o medievo anglo-saxão, os conflitos religiosos da Europa dos séculos XVI e XVII, a vida intelectual e social de França ou Inglaterra dos séculos XIX e XX, mas ainda achamos que há certo elemento de estranheza se um outro estudante se dispõe a estudar, por exemplo, a região nilótica em algum período análogo. Isso é algo que realmente não cabe mais caso se pretenda fazer a sério história da África no Brasil.

No caso do estudo das religiões e religiosidades africanas, a conjuntura é talvez ainda mais truncada. São realmente muito raros no Brasil os estudos que se dispõem a estudar as experiências religiosas africanas para além daquilo que se costuma classificar como os cultos tradicionais, e que possuem relações etiológicas ou determinado conjunto de similaridades formais com as religiões afro-brasileiras, especialmente o candomblé. As investigações sobre o Islã em África são menos comuns do que as sobre o cristianismo, mas estas quase que estão restritas às experiências missionárias euro-americanas no continente, seus impactos e hibridismos com as religiosidades tradicionais. No mais, pesa sobre elas a noção difusa, mas muito significativa, de que o cristianismo na África foi antes do mais um aparato dos poderes coloniais ocidentais, um instrumento de alienação. Tal abordagem é até certo ponto compreensível em função do tanto de ressentimento que gerou a aliança de certas Igrejas com os poderes coloniais que se empenharam em espoliar os africanos desde já há alguns séculos. Por outro lado, ela impede de enxergar a existência de experiências cristãs realmente originais e antigas no continente – algumas de origem apostólica –, que são tão ou mais tradicionais do ponto de vista de sua cronologia e enraizamento sociocultural do que qualquer um dos cultos tradicionais aos deuses tribais da África Ocidental Subsaariana (SHENK, 1988). Conforme lembrou o historiador norte-americano Philip Jenkins em um livro muito perspicaz, o crescimento contemporâneo do cristianismo no continente africano não é um fenômeno de ocidentalização em massa, mas uma espécie de *volta para casa*:

um servo da corte etíope é um dos primeiros gentios convertidos a ser identificados no livro dos Atos [dos Apóstolos]. (...) Quando os primeiros cristãos anglo-saxões se converteram, o cristianismo etíope já estava em sua décima geração. Embora mal conhecida pelos ocidentais, a Igreja etíope exhibe uma das mais heroicas histórias de sucesso do cristianismo. (...) A *Igreja Etíope* tem muitos aspectos que surpreenderiam um ocidental, inclusive práticas provenientes do judaísmo. (...) muitos cristãos africanos da era moderna também se sentem à vontade com o mundo do Velho Testamento e procuram reviver antigos costumes hebraicos – em geral, para horror dos cristãos europeus. Mas, a despeito de todas as peculiaridades da *Igreja Etíope*, seria atrevido o forasteiro que se arriscasse a sugerir que a fé pela qual os etíopes lutaram e morreram ao longo de 1700 anos é menos do que uma pura manifestação cristã. (JENKINS, 2004, pp. 37-38).

O cristianismo etíope, de fato, é um caso muito *bom para se pensar* a respeito das narrativas e estereótipos correntes no senso comum, na literatura acadêmica e na militância política a respeito da natureza das relações historicamente constituídas entre a fé e as instituições cristãs e as identidades africanas, reais e imaginárias. De fato, trata-se

de experiência valiosa para repensarmos aquilo que a partir do Brasil concebemos como sendo a África, na medida em que nos ajuda a complexificar de modo significativo a visão que temos do presente e do passado do continente. Efetivamente, nem toda a África subsiste na história e cultura brasileira e luso-brasileira, e progressivamente far-se-á necessário criar espaços para o estudo da história e das culturas africanas que sejam distintos daqueles dedicados de modo privilegiado ao estudo da história e cultura afro-brasileira, apesar de ser evidente que estes dois campos jamais podem se afastar de forma decisiva, sob a pena de incorrerem as análises em terríveis distorções de seus objetos.

Felizmente já não é mais tão difícil localizar bons estudos acadêmicos a respeito das Áfricas que não vieram dar no Cais do Valongo, ainda que eles sejam praticamente inexistentes em português – uma deficiência que se espera seja em breve suplantada. Além de bons manuais introdutórios e de boas investigações monográficas, encontram-se cada vez com mais facilidade, em tempos de internet e de fluxo global de livros adquiridos online a um custo razoável, boas edições dos próprios testemunhos de época que contradizem por completo as narrativas cúmplices de que a África não é mais do que a África afetada pelo mundo euro-americano através da experiência colonial e de que a missão cristã no continente foi, e é, algo como um mero aparato deste domínio estrangeiro. Já não é mais preciso escavar obscuras coleções eruditas para ler em primeira mão as ricas histórias do cristianismo africano, apesar dessas fortuitamente estarem sendo disponibilizadas, dia após dia, conforme entram em domínio público, em bancos de dados e bibliotecas online. As traduções críticas, com boas introduções e anotações, de documentos referentes às antigas Igrejas Copta, Núbia e Etíope, tornam-se mais acessíveis a cada semana que passa, em um processo que, faz-se voto, não tardará a beneficiar também o campo brasileiro dos estudos de história da África e dos estudos da religião (não só no continente africano, mas também em perspectiva comparada).

O livro do Prof. Amsalu Tefera, da Universidade de Adis Abeba, publicado em 2015 pela editora holandesa Brill, como o quinto volume da série *Texts and Studies in Eastern Christianity*, é um destes volumes aos quais me refiro. Em *The Ethiopian Homily on the Ark of the Covenant*, Tefera oferece a *editio princeps* do texto etíope da *Dərsanä Šəyon*, acompanhada por uma cuidadosa tradução anotada em inglês. Esta homilia, provavelmente composta no século XV, reitera a vinculação de origem bíblica entre a Arca da Aliança e o Monte Sião, narrando longamente as andanças através das quais a câmara de custódia das Tábuas dos Dez Mandamentos teria sido conduzida do Deserto do Sinai até Jerusalém, e de Jerusalém para a Etiópia. Como um documento proveniente da tradição cristã, muitos dos eventos extraídos da tradição judaica são interpretados como tipos e prefigurações, símbolos da Nova Jerusalém Celestial e, de modo muito particular, da Virgem Maria, que a tradição cristã etíope não cessa de louvar como Nova Arca da Aliança e Nova Montanha de Sião, na medida em que também teria contido em si a Palavra e a Presença do Deus de Israel. O autor da homilia, que não chega a nomear-se, afirma ser um homem de poucas letras, pastor de cabras e ovelhas, e marca seu texto com uma série de importantes sinais de oralidade; não se pode desvinculá-lo, contudo, da alta especulação teológica referente aos papéis conexos da Virgem Maria, de Israel e do

Império da Etiópia na história da salvação conforme esta foi entendida por essa experiência eclesial africana, especulação que teve como um de seus mais ilustres articuladores Zara Yaqob, monarca que governou o país de 1434 a 1468, e implementou uma série de reformas na Igreja Etíope, que incluíam a guarda do sábado em igual estatuto que o domingo e a ampliação dos temas marianos na Liturgia das Horas e na Liturgia Eucarística (HAILE, 1992). A *Darsanä Şayon, Homilia* [em honra] de Sião, é lida a 21 de Hədar (equivalente a 30 de novembro do calendário gregoriano), durante a festa anual da *Hədar Şayon*, que comemora a chegada da Arca da Aliança a Axum, antiga capital da Etiópia, e é uma solenidade dotada de sentidos mariológicos e patrióticos. O tema da transladação da Arca da Aliança e, com ela, da transferência da preferência e da proteção do Deus Único, de Jerusalém para Axum, e, por associação, dos hebreus para os etíopes, é sustentado no mais bem conhecido *Kəbrä Nəgəst, Glória dos Reis*, onde se estabelece a narrativa padrão que fundamenta essa reivindicação, ampliada e dotada de novos sentidos por outros documentos, como a referida *Homilia de Sião* (SOUZA NETO & MELO, 2010).

Tefera formou-se Bacharel em Teologia pelo Holy Trinity Theological College de Adis Abeba, Etiópia, em 2000, e Mestre em Filologia na Universidade da mesma cidade em 2007. No ano de 2011 tornou-se Professor Assistente do Departamento de Linguística desta instituição e por ela se tornou Doutor em Filologia. Desde sua formação como teólogo, tem concentrado seu interesse na literatura litúrgica da Etiópia cristã, desenvolvendo a edição crítica, anotação, tradução e análise de manuscritos em etíope clássico (ge'ez) e em amárico. *The Ethiopian Homily on the Ark of the Covenant* foi primeiro editado como a tese de doutorado de Tefera, e seu texto crítico e aparato baseiam-se em uma verificação completa de todos os dez manuscritos remanescentes nos quais está registrada esta homilia, repleta de termos cuja tradução é bastante complexa, não apenas pelas dificuldades linguística intrínsecas ao trabalho com a literatura em ge'ez, mas pela própria especificidade de suas referências teológicas, litúrgicas e devocionais. Na introdução do volume (pp. 1-8), discutem-se as vicissitudes da tradução de um texto em ge'ez para o inglês, pontuando-se as soluções adotadas pelo autor. A partir daí o livro divide-se em duas seções, a primeira (capítulos um a quatro) dedicada à contextualização do texto e à análise dos manuscritos onde ele se faz presente, e a segunda (capítulos quatro a sete), basicamente, à sua edição crítica e tradução ao inglês.

No primeiro capítulo (pp. 9-38), discute-se a representação das Tábuas da Lei e da Arca da Aliança na tradição cristã etíope, diretamente associadas à liturgia eucarística e às constantes recomposições do poder político e religioso dos soberanos da dinastia salomônica renovada (1270-1974). No segundo capítulo (pp. 39-80), tratam-se das tradições referentes a Axum, primeira das capitais da Etiópia cristã, como Nova Sião, tradições que se vinculam à continuidade não apenas de uma terminologia vétero-testamentária, mas de muitos costumes judaicos no cristianismo etíope, às coroações, comemorações e títulos associados aos reis cristãos etíopes, cuja soberania é amplamente recortada a partir dos modelos da Bíblia Hebraica, e à tradição autóctone de devoção à Virgem Maria, exaltada de uma maneira que poderia escandalizar a sensibilidade ocidental

pós-Reforma Protestante, estreitamente associada ao poder da casa real salomônica. No terceiro capítulo (pp. 81-120), faz-se a descrição analítica dos dez manuscritos nos quais consta a homilia estudada no volume, com uma atenção especial às suas discrepâncias, suas referências bíblicas, suas omissões e transposições textuais. No quarto capítulo (pp. 123-148), apresenta-se a edição crítica do texto em ge'ez da *Dārsanä Šayon*. No quinto capítulo (pp. 139-173), apresenta-se a tradução anotada em inglês da homilia. No sexto capítulo (pp. 174-239), apresentam-se a edição crítica e a tradução anotada em inglês de outros documentos, mais curtos, que são diretamente vinculados àquele que foi apresentado nos capítulos anteriores: a *Zena Šayon*, que conta a história da Arca da Aliança; a *Tā'ammāra Šayon*, que registra os milagres realizados por essa enquanto estava em Jerusalém; a *Tā'ammāra Šayon Māryām*, que narra os milagres realizados em Santa Maria de Sião, Catedral de Axum, espaço no qual as figuras da Mãe de Jesus Cristo e da Arca da Aliança fundem-se de modo mais significativo; e a *Mālka'a Šayon*, série de saudações às virtudes físicas e morais de Sião, aqui entendida como uma sobreposição significativa entre Jerusalém, Axum, a Jerusalém Celeste e a Virgem Maria. No sétimo capítulo (pp. 240-244), consta uma recapitulação do trabalho realizado e algumas observações conclusivas, de ordem histórica e filológica, assim como um esboço da história textual da *Dārsanä Šayon*. No apêndice (pp. 245-250), constam fotografias tiradas pelo autor da Igreja de Santa Maria de Sião, na antiga cidade de Axum.

The *Ethiopian Homily on the Ark of the Covenant* é um volume excelente para os interessados tanto no estudo da história da África para além dos estereótipos correntes, quanto para o estudo do cristianismo em outro ambiente cultural que não o vinculado ao mundo euro-ocidental. Seu aparato filológico muito erudito é algo assustador aos leitores não inteirados nos meandros da análise dos textos etíopes clássicos, mas as valiosas reconstituições contextuais, o trabalho minucioso com os manuscritos e os testemunhos de época referentes à homologia que a tradição cristã da Etiópia estabeleceu entre a Virgem Maria, a Arca da Aliança/Israel/Jerusalém e a Jerusalém Celeste são de grande interesse. Esta associação, naturalmente, teve grandes implicações para a visão cristã etíope a respeito não apenas dos elementos hebraicos constituintes de suas crenças e práticas, mas também dos grupos concretos de judeus etíopes, os *falashas*, que subsistiam no altiplano etíope até a contemporaneidade. Em um texto como a *Dārsanä Šayon*, cristianismo e judaísmo não aparecem como movimentos antitéticos, mas partes de um contínuo, costurado pela figura da Virgem Maria – circunstância que faz com que o livro também seja do interesse daqueles que se encontram empenhados no estudo das relações entre cristãos e judeus.

Penso que devemos ser gratos ao Prof. Tefera pelo seu laborioso trabalho de apresentação deste texto tão relevante de um ponto de vista teológico e cultural em um idioma que, por agora, nos é decerto muito mais acessível do que o etíope clássico. Ao mesmo tempo, aguardamos com expectativa sua próxima produção erudita; de fato, de agosto de 2015 até setembro de 2017, ele desenvolve na Ludwig Maximilian University, em Munique, Alemanha, o projeto de pós-doutorado *Traditions in Ethiopia: critical edition and translation of the ethiopic homilies dedicated to Archangel Uriel*, cujo resultado decerto será

uma contribuição tão significativa quanto sua tese de doutorado. Com esperança, também faço votos de que o trabalho com documentos deste tipo, imensamente relevantes para o estudo das religiões e religiosidades no continente africano, não tarde a ser corajosamente empreendido por pesquisadores brasileiros que estejam dispostos a superar as barreiras linguísticas, materiais e ideológicas que ainda nos separam deste tipo de investigação.

Referências

- HAILE, Getatchew (organização, tradução, introdução e notas). *The mariology of Emperor Zär'a Ya'eqob of Ethiopia*. Roma: Pontificium Institutum Studiorum Orientalium, 1992. Coleção “Orientalia Christiana Analecta”, n. 242.
- JENKINS, Philip. *A próxima cristandade: a chegada do cristianismo global*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- LOPES, Nei. *Dicionário da antiguidade africana*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- SHENK, Calvin E. The Ethiopian Orthodox Church: a study in indigenization. *Missiology*. SAGE/ASM, Londres/La Miranda, v. 16, n. 3, julho de 1988, pp. 259-278.
- SOUZA NETO, José Maria Gomes de & MELO, Marcos José de. A literatura africana antiga: essa ilustre desconhecida. *Eutomia*. Recife, DL/UFPE, v. 6, n. 1, 2010.